



O Sistema Social de Consumo na Terceira Idade: *Você Não Vai Me Perguntar Sobre Comida?*¹

Paulo Emílio Alves dos Santos²

Anaise Gonçalves dos Santos³

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Resumo

O objetivo deste artigo é explorar o consumo da terceira idade à luz dos conceitos de uma teoria sistêmica moderna (Teoria dos Sistemas Sociais Autorreferenciados) fundada na primazia da comunicação na construção da realidade social. Nesta perspectiva o consumo do idoso é considerado uma entidade da sociedade, um sistema social autônomo, assim como aquele da Infância e da Juventude. Pouco estudado, entretanto, sob esta ótica.

A escolha metodológica foi influenciada pelas características do arcabouço teórico da área de sistemas que contêm alto grau de abstração. Buscou-se então, fazer um contraponto ao entrevistar um idoso com um perfil especial, bem relacionado ao consumo. Utilizando a técnica de notas etnográficas, na sua versão impressionista, o formato deste trabalho adquiriu um caráter empírico e ensaístico ao mesmo tempo.

Os achados relevantes desta pesquisa passam pela discussão dos métodos utilizados e também por *insights* sobre o atual estágio de desenvolvimento do sistema social do consumo da terceira idade.

Palavras-chave: Sistemas sociais; Consumo; Terceira idade; Etnografia

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 4 COMUNICAÇÃO, CONSUMO E INSTITUCIONALIDADES do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016

² Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo (parte do doutorado na Universidade Ruhr-Bochum na Alemanha), Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Mackenzie e graduado em Psicologia pela PUC-SP. Passagem em Recursos Humanos pelas empresas Grupo Basf, Reckitt Benckiser, Confab Industrial e Mercedes-Benz.

³ Master em Antropologia pela Universitat Autònoma de Barcelona. Graduada em Relações Internacionais pela ESPM. Atualmente trabalha com projetos na área de Business Anthropology em Barcelona.



INTRODUÇÃO

Trata-se de quase uma convenção apontar nas comunicações sobre a Terceira Idade duas coleções de argumentos.

O aumento da expectativa de vida das pessoas no mundo tem resultado em mudanças econômicas, sociais e de consumo. Um corolário grave seria o déficit previdenciário que deveria ser equacionado. O Brasil também padeceria deste problema e ainda contaria com o agravante de que a população brasileira envelhece rapidamente e estaríamos deixando para trás o bônus populacional, no qual haveria mais gente produtiva do que pensionistas. Estes seriam argumentos de caráter genérico.

Há ainda aqueles argumentos específicos que centram no comportamento do idoso. Este seria bem diferente daquele de algumas décadas atrás. Hoje em dia demonstram postura ativa, sendo protagonista de suas escolhas, o que incluiria a preocupação com o corpo e obviamente com a sexualidade. Destarte tais conquistas, não se encontrou ainda mecanismos e instrumentos apropriados para materializá-las (AMADO, 2006).

Acompanhando de tais argumentos, opiniões tentam oferecer algum colorido: "*Com 50 anos meu avô andava de pijamas pela casa o dia todo*"; "*Mas hoje em dia a gente vê pessoas de 80 anos que criaram uma página no Facebook, não largam do celular, trocando mensagens no Whatsapp*". "*Ela é dona do seu próprio nariz, não dá satisfação para ninguém, tem seu próprio dinheiro e viaja a toda hora*" "*Minha vizinha de 75 anos frequenta o Sesc todos dias*".

São argumentos recorrentes e repetidos nas conversas, na mídia, nas comunicações científicas, trazendo sempre a impressão de que estão sendo ditas pela primeira vez pelo interlocutor.

Isto não pode ser casual; deve haver razões para isto. Eis o embrião da problematização deste artigo.

A moldura desta problematização é constituída pela premissa de que a realidade social é construída pelas comunicações. E que estas comunicações agregadas criam diferenciações na sociedade, os sistemas sociais (LUHMANN, 2006; NEVES, 2006;



MATHIS,2008). Vale mencionar a título de exemplo, que a criança era considerada como um pequeno adulto até os fins do século XIX, mas conforme conhecimentos advindos da Medicina, da Psicologia, do Direito, foi adquirindo uma identidade própria no meio social e ganhou na contemporaneidade o status de sistema social, a *Infância*. O mesmo se deu, com o jovem e mais recentemente está ocorrendo com o idoso.

O consumo seria o último estágio do desenvolvimento deste sistema social, pois as ideias de Marketing aproximam-se dessas diferenciações na sociedade e as transformam em mercado. O resultado é mais um sistema social criado, o consumo.

É fato que um sistema denominado de Terceira Idade já apresenta vida própria na sociedade, mas seria importante lançar algumas indagações: o último estágio sistêmico de desenvolvimento, aquele do consumo, está devidamente consolidado? É reconhecido? Os integrantes deste sistema conseguem descrevê-lo? O sistema consegue se desenvolver?

O objetivo deste artigo é explorar o Sistema de Consumo da Terceira Idade, à luz da teoria dos sistemas sociais autorreferenciados, e sob a ótica de um idoso com destacado perfil neste segmento de consumo.

Visando contemplar tal objetivo, planejou-se as seguintes etapas neste trabalho: em primeiro lugar o marco teórico, destacando os conceitos essenciais da Teoria dos Sistemas Sociais Autorreferenciados; a seguir, a metodologia que incorpora as notas etnográficas como meio para coletar e analisar dados empíricos e, por fim, uma entrevista com uma idosa, explorando o mundo do consumo na terceira idade.



SISTEMAS SOCIAIS AUTORREFERENCIADOS

Nesta sustentação teórica debate-se em primeiro lugar a Teoria dos Sistemas Sociais Abertos na sua versão tradicional e aponta-se os motivos porque no contexto atual tornou-se pouco explicativa. A seguir, os conceitos principais da Teoria dos Sistemas Sociais Autorreferenciados são discutidos, buscando traduzi-lo para o contexto do consumo do idoso.

Sistemas sociais são diferenciações na sociedade que buscam atender à alguma necessidade das pessoas (KATZ & KAHN, 2000). Uma empresa por exemplo busca oferecer produtos ou serviços; igrejas, o conforto espiritual; hospitais, a saúde. Embora esta ideia contemple entidades isoladas, pode ser concebido também com um conjunto delas. Uma versão tradicional da abordagem sistêmica do consumo da terceira idade, por exemplo, seria tratado como um conjunto que incluiria agentes (profissionais da saúde), infraestrutura (hospitais, laboratórios), mercado, mídias (tevé, rádio, jornais), agências de publicidade, marketing, verbas, pesquisas, legislação, governo e outras, articuladas em prol do objetivo de oferecer produtos e serviços. Vale destacar que nesta concepção enfatiza-se a troca de elementos (energia, pessoas, informação) entre os sistemas. Elementos concretos, tangíveis, que apesar de articulados apresentam autonomia (KATZ & KAHN, 2000).

Mas há problemas em abordar um sistema desta maneira, já que por conta de sua simplificação, mostraria um mapeamento precário da realidade, algo sempre incompleto. Poderia ser ainda, algo supostamente com vida própria, aceito pelo mercado, presente nos livros-texto da academia, o que estaria longe de ser verdade, pois em última instância trata-se de uma mera representação. E o mais grave nesta concepção, seria que a sintonia fina estaria descalibrada ao tentar captar necessidades mais sutis dos agentes sociais.

Uma abordagem analítica-metodológica alternativa poderia ser mais explicativa e trazer mais resultados, como desenvolvido nos parágrafos abaixo.

Um referencial teórico mais explicativo deste cenário é a Teoria dos Sistemas Sociais Autorreferenciados. Esta concepção sistêmica, elaborada pelo sociólogo Niklas



Luhmann (1987; 2006), traz um caráter multidisciplinar ao incorporar conceitos das Ciências Sociais, da Biologia, da Lógica e da Cibernética. Seu objetivo inicial seria a criação de um modelo teórico que explicasse o funcionamento da sociedade e superasse as noções clássicas da Sociologia como hierarquia e classe social. Mas, como alerta Neves (2006) tal *corpus* teórico deve ser tomado como ponto de partida e nunca algo fechado e acabado e nesse sentido, seus conceitos podem ser aplicados em qualquer fenômeno social. Ideia presente no objetivo deste trabalho.

Nesta perspectiva teórica, sistemas sociais são entendidos como sistemas comunicativos. Duas chaves explicativas são importantes nesta concepção: a *autorreferência* e *autopoiesis*.

Os sistemas sociais são autorreferenciais porque são “*capazes de operar com base em suas próprias operações constituintes*” (NEVES, 1997). Isto quer dizer, que há algumas partes do sistema não tem contato com o ambiente, dito de outra forma, orbitam no seu próprio eixo. E acrescenta-se, nem tudo depende de troca, como proposto pela teoria de sistemas tradicional. A dinâmica dentro do sistema é a seguinte: como um sistema social nasce como uma forma de simplificar a realidade, aquelas escolhas feitas por tentativa e erro que funcionam, são repetidas. Não por acaso, a repetição e recorrência de comunicações com o mesmo conteúdo no tocante ao Sistema de Consumo da Terceira Idade podem ser vistas como reflexos dessas operações. Algo visto na introdução deste trabalho.

São autopoéticos porque se autoreproduzem ou produzem a si mesmos enquanto unidade sistêmica. O elemento básico de reprodução no sistema social é o processo de comunicação. Quanto mais troca de comunicações, mais escolhas, mais complexidade. Neste sentido, um sistema que se expande é aquele que consegue aumentar sua complexidade interna. O que por sua vez aumenta a percepção do entorno e amplia seu raio de ação.

Mas não cessa neste estágio o raciocínio; há conseqüências epistemológicas nesta configuração. A conclusão é não existe um mundo neutro “lá fora”, tudo depende da complexidade interna do sistema de qual se faz parte. Constata-se que as fronteiras



surtem da percepção de quem observa. Este precisa delimitar intencionalmente até onde deseja chegar no olhar. O importante para ele é ter uma unidade de sentido (RODRIGUES, 2008; MATHIS, 2008). Esta lógica da troca das comunicações é radicalmente diferente da ideia de contemplar como entidades tangíveis (troca de pessoas, energia e informações) da abordagem tradicional dos sistemas sociais abertos.

Seguindo nesta linha de pensamento que defende que todo sistema social pode desenvolver na sua complexidade, Teubner (1997, citado por NEVES, 2006) esboça seus estágios:

Etapas	Descrição
Auto-observação	O sistema pode se autodescrever
Auto constituição	Pode mobilizar seus recursos
Auto reprodução	O sistema pode reproduzir seus elementos

Adaptado de NEVES, 2006

Tais ideias apresentam alto grau de abstração, transitando por várias áreas de conhecimento, desde a Sociologia até a Biologia, e o desafio é justamente construir pontes com a realidade empírica. É o que se buscará discutir na próxima seção de metodologia deste trabalho.



METODOLOGIA

Como o objetivo deste artigo seria fazer uma exploração sobre o sistema de consumo da terceira idade, pensou-se em coletar dados por meio de uma entrevista com um idoso que tivesse um perfil aberto que gostasse de falar, de opinar, se posicionar, frequentasse lugares de compras, que buscasse informações na mídia ou com as pessoas. Ou dito nos termos de Luhmann (2006), exercesse um papel de consciência e observador do sistema. Naturalmente o foco deveria ser em profundidade.

Mas outra escolha deveria ser feita: como analisar e comunicar, seguindo os parâmetros ditados pelo objetivo?

O uso da etnografia poderia indicar uma senda a ser percorrida. Por ser um método eminentemente qualitativo, esta baseia-se principalmente nos relatos detalhados das notas de campo. Van Maanen (2010) discute numa obra seminal como as notas poderiam ser utilizadas e tratadas a fim de construir um relato numa incursão ao campo. Numa gradação que vai do *Realismo*, passando pelo *Confessional* e chegando ao *Impressionismo*, o próprio campo e o observador são relativizados.

Realismo: O cientista faz a coleta de dados baseando-se numa descrição eminentemente narrativa, justificada pela análise e teoria. O que inclui, foco no documental, nos detalhes do dia a dia e nas coisas mundanas do cotidiano. Nesses detalhes emergem percepções organizadoras de ritos, hábitos, crença, que são confrontadas com a teoria. Os dados não são adicionados ao acaso. Eles se acumulam sistematicamente e redundantemente a fim de comprovar algum ponto. Uma peculiaridade nesta concepção é a ausência do observador no conteúdo. Apenas o que as pessoas dizem e fazem devem ser visíveis no texto. Existe uma boa fé naquilo que o pesquisador viu e ouviu, na sua ampla neutralidade.

Confessional: Trata-se de uma instância onde o autor assumidamente registra e filtra os acontecimentos a partir de sua subjetividade. Nos relatos é sugerido que não existem valores de referências externos disponíveis (como cultura ou moral) melhores do que aqueles oferecidos pela mediação do próprio autor. Nesta concepção é possível



mostrar perspectivas múltiplas, diferentes vozes pessoais, gestos, hábitos e costumes, que fazem parte do dia a dia do observador e aquilo que o circunda.

Impressionismo: Esta última abordagem inspirada pela denominada antropologia interpretativa ou pós-moderna. Autores como Clifford Geertz e George Marcus, com sua Antropologia multi-situada (ou multi-localizada) que debatiam os aspectos políticos, de linguagem e ideológicos da Antropologia e de sua escrita. Nesta há uma reconstrução numa forma dramática daqueles períodos em que o autor considera notáveis e reportáveis. A estória é um meio representacional de aproximar-se da cultura. Os eventos são recontados numa ordem que devem ter acontecido. Há oportunidade de se fazer digressões, mas o principal é manter a estória sendo relatada. Estórias impressionistas apresentam o fazer do trabalho de campo. Tenta manter o sujeito e o objeto em visão constante.

A abordagem impressionista foi adotada neste trabalho primeiramente porque permite fazer um contraponto a uma perspectiva distanciada de caráter sociológico como a Teoria dos Sistemas. Em segundo lugar, tal abordagem impressionista dialoga com a ideia de observação do ponto de vista sistêmico, pois ambas consideram que não há observação neutra. A presença do observador, já altera o objeto. Por fim, permite ainda que o autor faça um relato empírico, e simultaneamente vá alimentado com ideias da teoria e também explicando as escolhas metodológicas. Isto geraria mais dinamismo. O trabalho tem um caráter empírico e ensaístico ao mesmo tempo.

A CONVERSA

Marcamos o encontro num café de um hipermercado. Não fora por acaso que marcara esta entrevista ali. Tratava-se de um local de consumo, referência nos bairros próximos de classe média.

Dona Sato chega atrasada em quarenta minutos. Empurra um carrinho de supermercado e dentro deste há uma mochila cheia de compras. Nem se desculpa e já vai logo comentando que comprou um peixe na promoção do supermercado. Pergunto qual peixe e ela não sabe dizer. Após trocar algumas informações sobre a descrição do



alimento, chegamos à conclusão de que era truta. Logo ela emenda e observa que em Campos do Jordão havia muita truta.

Já tinha a notificado anteriormente que o objetivo deste encontro seria obter dados sobre compras das pessoas da terceira idade. Bem dito, o tema de nossa conversa deveria ser consumo – compra – pesquisa – barganha – dinheiro. Tudo o que envolve este mundo, reforço no início da conversa.

Somos colegas numa academia de ginástica num horário matutino, predominantemente frequentado por idosos. Ela tem 70 anos e frequenta o local por recomendação médica. Faz aula de pilates e yoga, anda na esteira e pratica musculação – não nesta ordem.

Retirei da bolsa um roteiro de entrevista, perguntando se poderia gravar nossa conversa a fim de que pudesse transcrever posteriormente. Ela assustada recusou, alegando que falava errado. Algo que me surpreendeu, pois não apresenta erros de concordância ou a pronúncia de palavras erradas. Na verdade, mostra uma entonação e modos orientais, que estão longe de atrapalhar a expressividade. Entendi na evolução da conversa que tal recusa se relaciona com o fato de ser criada num local isolado.

No meu roteiro esperava que comentasse da feira, das idas ao supermercado, da fila nos bancos, dos correios, das repartições públicas. Todos aqueles locais de consumo que sabemos onde o idoso está presente. O interesse era naquilo que ela escutava nesses locais, e também sua opinião. Em termos teóricos, buscava antever um tipo de cartografia de consumo da dona Sato e as comunicações fluindo neste sistema social denominado de *Consumo da Terceira Idade*.

Já a conhecia e sabia que seria a pessoa ideal para minha pesquisa, pois tratava-se de alguém sempre bem informada sobre novos produtos e serviços. Além disto, gostava de falar. É uma pessoa que trata de um assunto e facilmente pula para outro quando provocada. Como queria evitar aprofundamento e estimular a amplitude a fim de explorar todas as possibilidades do sistema, eis que acabei encontrando um perfil ideal.



Sem mesmo eu ter enunciado o primeiro tópico do roteiro, Dona Sato começou a falar de doenças e remédios. Dedicou um bom tempo da conversa a falar deste tema. Ela padece de diabetes, o que afetou sua visão e trouxe outros corolários como glaucoma e insuficiência renal. Há também um problema na articulação do joelho que a faz andar de bengala. Quem a vê pela primeira vez, não dá para ignorar a fragilidade de sua saúde.

Foram cerca de quarenta minutos neste tema. Por diversas vezes tentei interrompê-la a fim de abordar outro tópico, mas me pareceu que não escutava. Ouvi apenas quando a indaguei sobre a quantidade de remédios que tomava por dia. Cinco, foi a resposta. Me surpreendeu o fato de que ela sabia não apenas o nome comercial, mas as substâncias ativas, com aqueles nomes difíceis de memorizar.

Mas quando insisti numa pergunta tratando do comércio de rua, ela me indica uma loja de produtos de limpeza numa localidade conhecida do bairro que conta com preços ótimos. Logo em seguida, pergunta se eu conhecia o Panizo, o que me fez imaginar se tratar de alguma padaria na região. Não, não era. Tratava-se de um local fazia preparos fitoterápicos. Estamos de volta ao assunto remédios. Explica que comprou uma vez uma solução com uma serie de ingredientes exóticos. Fico pensando qual a conexão lógica entre produtos de limpeza e soluções fitoterápicas.

Dona Sato falava o que queria e quando queria. Não escutava as minhas perguntas. Passada a primeira hora da entrevista, tive que rever meu planejamento e tive que deixar a conversa fluir, conforme a sua batuta.

O que não percebera é que desde o momento que a convidei a participar da entrevista, já estávamos compartilhando o tema – consumo na terceira idade. O campo, o tema, já estava pairando antes mesmo que sentássemos no café.

É o que explica Spink (2003) ao discutir uma abordagem construcionista sobre pesquisa. Diz ele que quando fazemos uma pesquisa de campo, não estamos "seguindo" verdadeiramente para a um local físico, mas já estamos nele, pois o campo já é o tema. Complementa explicando que o local físico do campo é desfocado para algo mais abrangente *“no qual o tema não poderia ser visto como um animal no zoológico, mas*



são redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros” (SPINK 2003).

Por observação participante na academia, sabia que Dona Sato era alguém com amplitude. Comentava sobre política, varejo, família, notícias. Mas por que esta mudança de postura, de permanecer apenas falando de sua saúde? Seria por causa das dores no seu corpo? Provavelmente, sim. Ou ela me via como um tipo de médico, que buscava fazer não uma entrevista, mas uma anamnese? Poderia ser, também.

Mas apesar de todas suas enfermidades nunca a vi se queixando. Uma ideologia importante na contemporaneidade ó mito do controle corporal. O indivíduo deve ser responsável pela corporeidade que tem, *“cuja característica é a objetificação e idealização do corpo, visto como um instrumento para se chegar ao topo da ascensão e do reconhecimento pessoal”* (Fontes, 2006).

E aparentemente isto é sustentado por um sistema social da terceira idade, o que propicia que acabe conhecendo o que se passa no seu corpo. Dona Sato é usuária contumaz de laboratórios e especialidades médicas. O que vai de encontro ao argumento de Luhmann (2006), que defende que o sistema social emerge para simplificar a vida do indivíduo, já que este não consegue manejar toda complexidade do ambiente.

Dona Sato é uma mulher solitária. Ao tocar novamente no assunto do diabetes, ela se recorda que o filho está começando a apresentar problemas com esta doença. Reclama que o filho não faz o ela pede e come besteiras. Só não reclama mais porque receia que ele não venha visita-la. Questiono sobre sua idade e o que ele faz. Trinta e sete anos e trabalha numa multinacional; parece bem estabelecido.

O marido de um ano mais velho, toca sua vida. Ela diz que não liga para o que ele faz na vida. Nem sabe para onde vai de dia. Sabe apenas que frequenta um karaokê, algumas vezes na semana. E quando uma vez decidiu ir lá, nem sabiam que ele era casado, sendo que sua presença que causou decepção em algumas mulheres cantoras. Briga com ele quando traz doces para casa e come na sua frente. De pirraça exige da próxima vez traga para ela, mesmo sabendo que não pode comer. Quarenta e quatro anos de casamento.



Não comenta sobre parentes. Diz que é próxima de uma vizinha de longa data. A família dela é espanhola. Comenta que o marido da vizinha foi morar num sítio porque tem síndrome do pânico. E sua vizinha cuida do filho de 26 anos que escuta vozes e precisa de acompanhamento médico. As ideias de saúde e doença estão sempre presentes.

O que não foi encontrado na revisão da literatura é que Dona Sato usa o sistema não apenas para reconhecer e controlar o corpo, mas também para afastar a solidão. Para ser mais preciso, tentar mantê-la sob controle também. Frequentando as especialidades da área da saúde, vai juntando argumentos, ideias, discursos. O que deve comer, como se comportar, como lidar com seus sentimentos. Isto a torna mais forte.

O convênio médico ajuda. Por diversas vezes, elogiou a seguradora de saúde especializada em idosos. Explica que fazem atividades preventivas e destaca um tal com luzes coloridas. Diz que não acredita nada daquilo, mas por que não experimentar? E se der certo?

Obviamente a academia de ginástica ocupa um papel importante. Longe de Dona Sato pensar em hipertrofia dos músculos, ela deseja mesmo é aproveitar todas as possibilidades que o local oferece. Não por acaso, anda na esteira, pratica musculação, faz aula de yoga e pilates – nesta ordem.

Conta com muito orgulho que conseguiu subir alguns degraus numa escada da academia de ginástica com quatro quilos de peso presos nos tornozelos. O que é realmente um feito, já anda de bengala por conta de problemas um dos joelhos. A ideia de auto constituição proposta por Teubner está bem presente, pois o sistema disponibiliza e mobiliza seus recursos, até para lidar com necessidades subjetivas de um idoso com sérios problemas de saúde.

Por fim, o falar uma língua é algo que apareceu com frequência na entrevista. Diz que o filho trabalha numa empresa multinacional e fala bem o inglês e o espanhol. Acrescenta que estudou por três meses a língua espanhola em Buenos Aires. O filho da vizinha é professor de inglês. Por sua vez, ela fala japonês, já que aprendera na família. Diz que teve dificuldade ao entrar na escola, pois só falava esta língua em casa. Teve



mesmo que aprender na escola, porque morava isolada num sítio. Não por acaso recusou a minha gravação no início da conversa, alegando que não fala bem. Percebi que os nomes das pessoas e das coisas escapam quando está conversando, assim como o peixe, tão comum que acabara de comprar.

No processo de análise, me ocorre que não a ouvi comentar o nome de alguns médicos que a atendem, algo muito natural quando idosos se sentem fragilizados e buscam segurança, a atenção e a expertise de um profissional.

Diz que estudou inglês, mas não se sente segura para viajar para fora por causa da língua. Insiste em dizer que muitos idosos se perdem no aeroporto. Conhece uma pessoa idosa que se perdeu no aeroporto de Miami e em outro ponto da conversa, comenta também que alguém se perdeu no aeroporto de Madri. E isto a limita quando pensa em viajar.

Dada a dificuldade de linguagem e infância isolada, avaliei que Dona Sato fosse uma espécie de *outsider*, desde o início de sua vida. Para Luhmann (2006), o ser humano não faz parte do sistema, ele tem um aparelho psíquico que o permite observar, neste sentido não há neutralidade neste ato, e sim muita subjetividade. Baseando-se na teoria, poderia ser uma consciência privilegiada deste sistema de consumo da terceira idade. Sabia distanciar-se em alguns momentos.

É próprio dos princípios da pesquisa qualitativa, a flexibilidade nos procedimentos de coleta e análise dos dados. Algo que exercitei sobejamente neste trabalho. De início, planejei extrair do seu discurso algumas ideias e frases que denotassem a incorporação de informações de outros lugares no sistema social de consumo da terceira idade. Os procedimentos de análise seriam inspirados numa espécie de análise de conteúdo. Esta dificuldade de expressão da Dona Sato acabou frustrando também o que planejara para esta pesquisa.

Mas no decorrer desta, percebi que mesmo com tais limitações de expressão, ela consegue sim explorar e observar o sistema. Watzlawick (1973) sustenta tal ideia com a proposição que a comunicação deve ser entendida de uma forma bem mais ampla do que a mera expressão linguística. Para o autor “*É impossível não se comunicar*”: todo



comportamento é uma forma de comunicação. Como não existe forma contrária ao comportamento ("não-comportamento" ou "anticomportamento"), também não existe "não-comunicação".

Então neste sentido, o que Dona Sato faz, por onde anda, são maneiras de estabelecer comunicação com o sistema. E isto pode ser ilustrado, por exemplo, pelo fato que ao deslocar-se para a academia de ginástica, ela pega um ônibus (o qual não paga) a fim de superar uma ladeira e o caminho restante (cerca de um quilômetro, no plano) o faz a pé com sua bengala.

Isto diz muito de como ela observa o sistema. Observa agindo. Há um sistema que a acolhe, que ela faz interlocução, mas exige a ideia de ação e não a passividade. Dona Sato pode ser uma personagem que porta doenças e problemas da velhice, mas também desfruta de um sistema que foi criado para ela.

Algo que se relaciona com a ideia de desenvolvimentos de sistemas proposta por Teubner, no tocante à auto-observação e auto reprodução. O sistema consegue se autodescrever com a ação que comunica. Ao mesmo tempo, a postura ativa de um agente pode incorporar novos elementos.

Quando estava tentando me despedir, confuso por não ter conseguido gravar a entrevista e por não ter conseguido executar o planejamento da pesquisa, ela me surpreende novamente e dispara: *Você não vai me perguntar sobre comida?*

BIBLIOGRAFIA

BOECHAT, F. & PORTUGAL **Pós-construcionismo e Neo-experimentalismo em Psicologia Social** São Paulo: Estudos e Pesquisa em Psicologia 2010.

FONTES, M. **O Lugar Da Velhice Na Sociedade De Consumo** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.



KATZ, D. & KAHN, R. **Psicologia Social das Organizações**. São Paulo: Ed. Atlas, 1970.

LUHMANN, Niklas. **A terceira questão – O uso criativo dos paradoxos no Direito e na história do Direito**. Porto Alegre Estudos Jurídicos. Vol. 39, No.1, 2, jan. – junho, 2006.

_____. **Soziale Systeme: Grundriß einer allgemeinen Theorie**. Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft 666, 1987.

_____. **The Autopoiesis of Social Systems** in: F. Geyer and J. van der Zouwen (eds.), *Sociocybernetic Paradoxes*. London: Sage, 1986.

MATHIS, A. **A sociedade na teoria dos sistemas de Niklas Luhmann** – São Paulo: Ed. Cultrix, 2008.

NEVES, Clarissa; NEVES, Fabrício. **O Que Há de Complexo no Mundo Complexo? Niklas Luhmann e a Teoria dos Sistemas Sociais**. Sociologias, No. 15, Porto Alegre, janeiro – junho, 2006.

NEVES, Clarissa; SAMIOS, Eva. **Niklas Luhmann: A Nova Teoria dos Sistemas**. Porto Alegre: UFRGS/Goethe-Institut/ICBA, 1997.

RODRIGUES, L. **Sistemas Auto-referentes, Autopoiéticos: noções-chave para a compreensão de Niklas Luhmann**. Pensamento Plural | Pelotas RS, julho – dezembro, 2008.

SPINK, P. K. **"Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista"** São Paulo PUC – SP, 2003.

VAN MAANEN, J. **Tales of the Field – On Writing Ethnography** Chicago Guide to Writing, Editing, and Publishing, 2011.

ZOVICO, Marcelo **Hermenêutica e Solução de Conflitos no Direito**. São Paulo: Dissertação de Mestrado PUC – SP, 2013.

WATZLAWICK, Paul et al. **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 1973.